

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE MEDICINA
DEPARTAMENTO DE MEDICINA SOCIAL
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM SAÚDE PÚBLICA

JAQUELINE NAIBERT

PERCEPÇÕES SOBRE O CORPO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO APRESENTADO COMO
REQUISITO PARCIAL PARA OBTENÇÃO DO CERTIFICADO DE ESPECIALIZAÇÃO
EM SAÚDE PÚBLICA

DRA. JACQUELINE OLIVEIRA SILVA

Porto Alegre
05/2010

Dedicatória

Dedico este trabalho aos alunos do curso Técnico de enfermagem da Escola São Miguel, que com muito carinho e disponibilidade escreveram os textos sobre suas percepções de corpo. Sem a colaboração deles este estudo não seria realizado.

Desejo a todos eles muito sucesso e amor na profissão que escolheram. Que Deus os acompanhe e ilumine sempre.

Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar a Deus pela possibilidade de ter realizado este curso de pós-graduação, que era meu sonho.

Agradeço com muito carinho a ajuda incansável da amiga, professora particular de português, Dra. Karina Batista, que sempre me ajudou em todos os momentos do trabalho, mesmo sem ter quase tempo, ela nunca me disse “não posso”, a ela meu sincero muito obrigada, não tem dinheiro que pague esta amizade e dedicação.

Obrigada também a minha professora orientadora, Dra. Jacqueline, que me incentivou a fazer este trabalho, me orientou, ensinou, dedicou seu tempo para me acompanhar nesta trajetória.

RESUMO

Esta pesquisa apresenta uma reflexão sobre a percepção que os alunos do curso Técnico de Enfermagem de uma escola têm sobre o corpo. A amostra foi constituída por sessenta e um textos sobre corpo escrito pelos alunos. O referencial teórico para análise e discussão dos dados foi baseado na história e percepção do corpo em diversas etapas da história da humanidade, desde a Idade Média, passando pela Idade moderna, até os tempos de hoje. A análise dos dados permitiu identificar as categorias: corpo mecânico, corpo biológico, corpo estético e corpo divino. Ao final, destaca-se a importância de uma formação em que o aluno tenha uma visão mais holística do corpo e que as disciplinas ministradas procurem integrar o conteúdo no corpo como um todo.

Palavras- chave: Corpo; Saúde Pública ; Enfermagem

SUMMARY

This research study presents a reflection on the awareness that the students of the Nursing Technician Course have about their bodies. The sample was made of sixty-one (61) texts on the body written by the students. The theoretical reference for data analysis and discussion was based on history and the body perception through several stages in human history, from the Medieval Age to the Modern Age to the current time. The data analysis made it possible to identify the following categories: mechanized body, biologicistic body, aesthetic view body, and spiritualized body. The importance of an education by which the student acquires a more holistic view of the body and subjects which aim at integrating the studies on the body as a whole are highlighted in the end.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
1.1 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA.....	7
1.2 JUSTIFICATIVA.....	7
1.3 OBJETIVOS.....	8
1.3.1 OBJETIVO GERAL.....	8
1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	8
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	9
3 DESENVOLVIMENTO DO CONTEÚDO.....	11
3.1 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	19
4 CONCLUSÃO.....	28
4.1 EPÍLOGO	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	30
ANEXOS.....	33
ANEXO I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	34
ANEXO II - Alguns textos escritos pelos alunos.....	35

1 INTRODUÇÃO

1.1 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

Qual a percepção que os estudantes do curso técnico de enfermagem da Escola de Educação Profissional São Miguel têm sobre o corpo?

1.2 JUSTIFICATIVA

Esta pesquisa pretende identificar a percepção que os alunos do curso técnico de enfermagem da Escola São Miguel têm sobre o corpo.

De acordo com Andrade (2007), no seu artigo *A Sociologia do Corpo*, a corporeidade humana é fruto de muitas indagações e questionamentos das diversas áreas do conhecimento, inclusive a da saúde.

Nesse sentido, Ymiracy Nascimento de Souza, na sua Tese de Doutorado em Filosofia da Enfermagem, afirma que perceber o espaço do corpo implica entrar no universo do ser que se mostra; compreender a criação simples da corporeidade implica habitá-lo, percebê-lo nas suas várias perspectivas.

Soares (2001) diz que ter a história do corpo no horizonte de uma pesquisa pode trazer inúmeras contribuições às ciências e também às artes. Segundo a autora, quando se pesquisa o corpo por uma de suas inúmeras vias, como a saúde, por exemplo, existe uma questão geral: Como uma dada cultura ou um determinado grupo social criou uma maneira de conhecê-lo e de controlá-lo?

Conforme Vanúzia *et al* (2009), em trabalho sobre saúde, educação e enfermagem, os profissionais da área da saúde são corpos cuidando de outros corpos. Corpo, não enquanto matéria apenas, mas como corpo vivo que pulsa, pensa, sente, faz e calcula.

Diante disso, esta pesquisa é relevante para a enfermagem e para os profissionais da saúde porque a partir da melhor compreensão dos estudantes do curso técnico de enfermagem acerca do corpo humano é possível uma re-significação do cuidado com seu próprio corpo e com o corpo do outro de maneira holística.

Por fim, esta pesquisa também vai contribuir para a discussão da temática do corpo na formação profissional dos técnicos de enfermagem e dos demais profissionais de saúde.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 OBJETIVO GERAL

Identificar a percepção que os alunos do curso técnico de enfermagem da Escola de Educação Profissional São Miguel têm sobre o corpo.

1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar o que eles pensam sobre o corpo;
- Compreender o significado do corpo para esses alunos;

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Segundo Ariano Cavalcanti de Paula (2004), a metodologia de uma pesquisa é o instrumento pelo qual a investigação do problema proposto é viabilizado, a fim de que os objetivos traçados sejam atingidos. Sendo assim, a metodologia é um meio e não um fim em si mesma.

O método tem a função fundamental de tornar plausível a abordagem da realidade a partir das perguntas feitas pelo investigador (MINAYO, 2008).

Esta pesquisa é do tipo exploratória com abordagem qualitativa. Conforme Clemente (2007), uma pesquisa é exploratória quando envolve levantamento bibliográfico e entrevistas com pessoas que tiveram ou têm experiências práticas com o problema pesquisado. Possui ainda a finalidade básica de desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias para a formulação de abordagens posteriores. Este tipo de estudo visa proporcionar um maior conhecimento para o pesquisador acerca do assunto.

Para Minayo (2008), a pesquisa exploratória compreende desde a etapa de construção do projeto até os procedimentos e testes para a entrada em campo.

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos, que não podem ser reduzidos à operacionalização de variável.

O método qualitativo, além de permitir desvelar processos sociais ainda pouco conhecidos referentes a grupos particulares, propicia a construção de novas abordagens, revisão e criação de novos conceitos durante a investigação.

Conforme o Grupo IBOPE (2004), as pesquisas qualitativas estimulam os entrevistados a pensarem livremente sobre um tema, objeto ou conceito. Elas fazem emergir aspectos subjetivos e atingem motivações não explícitas, ou mesmo conscientes, de maneira espontânea. São usadas quando se buscam percepções e entendimentos sobre a natureza geral de uma questão, abrindo espaço para interpretação.

O público alvo desta pesquisa são 100 alunos do curso técnico de enfermagem da Escola de Educação profissional São Miguel. Os alunos freqüentam o curso nos turnos da manhã, da tarde e da noite, de segunda a sexta-feira. Esses alunos residem, em sua maioria, na

zona Sul de Porto Alegre: Restinga, Lami, Belém Velho, Vila Nova, Tristeza, Cristal, Menino Deus, Belém Novo, Juca Batista. São na maioria de idade adulta, entre 30 e 55 anos. O gênero predominante é o gênero feminino (somente 8 homens). A maioria dos alunos trabalha no turno inverso ao curso, nas mais variadas profissões.

O grupo de estudantes pesquisados está em diferentes módulos do curso: uns estão terminando o primeiro módulo, outros estão na metade do curso, alguns no último módulo, já indo para os estágios finais, e outros cursaram apenas a primeira disciplina, que é anatomia.

A Escola está situada no Bairro Tristeza, zona Sul de Porto Alegre, RS, é uma instituição privada, pertencente a uma Associação. Tem 3 anos de funcionamento. Oferece os cursos de técnico de enfermagem, pós-técnico de enfermagem do trabalho e qualificações em instrumentação cirúrgica, hemodiálise, urgência e emergência. Foi autorizado recentemente o curso de técnico de segurança do trabalho.

Compõem o quadro docente da Escola: doze enfermeiros – seis ministram as disciplinas no curso técnico de enfermagem e seis enfermeiros que ministram os cursos de qualificação –, além de uma psicóloga, que também ministra aulas no curso técnico.

A coleta de dados foi feita no mês de março de 2010, de forma individual, por adesão. A pesquisadora foi até as salas de aula nos três turnos, explicou o objetivo da pesquisa e fez a proposta aos alunos, pedindo que eles escrevessem a respeito do que pensam sobre o corpo. Não era necessário que colocassem os nomes, isso ficou a critério deles. Eles escreveram o texto em sala de aula.

A proposta foi bem aceita pelos alunos e alguns, no final do texto, agradeceram pela oportunidade de fazer parte da pesquisa e desejaram boa sorte a pesquisadora. Participaram da pesquisa 60% do total de alunos do curso Técnico de Enfermagem.

Para entrar na sala de aula, explicar a pesquisa e pedir que eles escrevessem sobre o corpo, foi solicitada, num primeiro momento, a autorização por escrito do Diretor da Escola. Depois, foi pedido licença aos professores para fazer o trabalho com os alunos. Eles foram muito flexíveis, ou seja, não manifestaram resistência para a realização da pesquisa. Assim, foi combinado com os docentes o melhor horário para entrar em sala de aula e fazer o trabalho. Os alunos levaram em média 30 minutos para escrever o texto. O gênero predominante dos textos foi a redação.

3 DESENVOLVIMENTO DO CONTEÚDO

3.1 REVISÃO TEÓRICA

José Carlos Rodrigues, no livro *O corpo na história* (2001), chama atenção para o fato de que a sensibilidade que temos hoje – seja auditiva, tátil, gustativa, olfativa ou visual – tem uma história e, especialmente, uma significação. Nossos sentidos estéticos, nossas reações à violência, nossos sentimentos de medo, nossos cuidados com a saúde, nossas preocupações com higiene, enfim, coisas que parecem tão familiares e naturais aos nossos olhos, não existiram sempre e têm por trás de si um passado rico em detalhes e variações. Nessa perspectiva, o passado não está apenas no passado, ele constitui nossa sensibilidade e continua de certa forma a ser presente, como veremos.

Nébia *et al* (1999) afirma que todas as ações humanas dependem de interações e estas não acontecem simplesmente por acontecer. Elas acontecem porque existe um corpo, uma vida, um instrumento humano que funciona através de movimentos sensoriais. Esses movimentos são as respostas do corpo a tudo o que os sentidos captam na natureza. Falar de corpo é falar dos sentidos. Os sentidos são pequenos transmissores corporais que não podem ser imaginados isoladamente do corpo.

Para Sant'Anna (2001), realizar uma história do corpo é um trabalho tão vasto e arriscado quanto aquele de descrever uma história da vida. O corpo de um indivíduo pode revelar diversos traços de sua subjetividade e de sua fisiologia, mas ao mesmo tempo escondê-los. Um corpo é sempre biocultural, tanto em seu nível genético, quanto em sua expressão oral e gestual.

Conforme Soares (2001), o corpo é a primeira forma de visibilidade humana. Sua presença invade lugares, exige compreensão, determina funcionamentos sociais, cria disciplinamentos e desperta inúmeros interesses em diversas áreas do conhecimento.

Inúmeras culturas, no passado, tratavam o corpo doente com chás caseiros, alimentação considerada natural e medicamentos não-industrializados. Para elas, a natureza

deveria ser uma referência essencial ao conhecimento e ao cuidado com os corpos. Os adeptos do naturalismo médico – de Hipócrates a Galeno, de Descartes a Linné – acreditavam que o corpo humano era dotado de uma grande capacidade autocurativa, como se ele fosse uma farmácia detentora de remédios, que, uma vez ativados, poderiam curar doenças e indisposições.

Na medicina hipocrática, diversas correspondências entre o corpo e a natureza direcionam ao diagnóstico. Trata-se de uma medicina que inclui, de uma só vez, o entendimento do interior do corpo e de seu meio social. Dessa forma, o corpo humano é considerado um microcosmo vivendo no seio do macrocosmo. Ele não é definido como uma identidade autônoma diante das leis da natureza, haja vista que é constituído de água, fogo, terra e ar, os mesmos elementos formadores do mundo natural.

Nos tratados hipocráticos estão presentes as analogias entre o sangue e a água dos rios, entre a terra e a carne, entre o calor do sol e o calor do corpo. O fogo, por exemplo, dota os corpos de movimentos enquanto a água tem a função de nutri-los. O ar é um elemento importante, capaz de organizar o mundo e servir de alimento para o fogo.

Conforme Bernuzzi (2001), para Platão, a natureza é um ser vivo com infinitudes de seres organizados em uma hierarquia: primeiro os deuses, abaixo deles os homens, e mais abaixo as mulheres e os animais. O corpo é considerado conforme a constituição hipocrática, mas Platão vai sublinhar a existência de três almas: uma imortal e duas mortais. A alma imortal estaria alojada na inteligência e as mortais, no coração e no ventre.

Já na concepção aristotélica, a alma é a forma do corpo, sendo este composto por alma e matéria. Diferente de Platão, segundo o qual a mesma alma podia vagar de um corpo para outro, para Aristóteles, uma alma não existe sem um corpo e não se identifica a qualquer corpo.

Nessa perspectiva, o fogo é um elemento muito importante no corpo dos seres. O corpo seria constituído por um calor, um fogo vital, e através do calor, “do cozinhar”, que se teria a vida, o ato. Ao contrário do calor, o frio significa a perda do poder vital, por exemplo: um esperma frio perde sua capacidade de fecundar. O calor é considerado um ativador importante na vida: fazer a digestão dos alimentos, germinar os grãos. Dessa forma, corpo e natureza estão assimilados novamente por um mesmo ativador: o calor. Contudo, para Aristóteles, é a alma e não o alimento que regula o desenvolvimento do corpo.

Para Galeno, médico nascido em 129 d.C, o corpo é uma espécie de máquina criada pela providência Divina, vivendo numa natureza que possui, assim como os humanos, uma espécie de alma.

O Cristianismo, por sua vez, faz a separação entre homem e natureza, dotando o primeiro de uma alma eterna que transcende a própria natureza. O homem torna-se assim um ser que possui uma relativa independência em relação ao cosmo. Nessa concepção, é através da alma, e não do corpo, que o homem pode ver Deus. Conforme o corpo vai dificultando esta visão, ele tende a ser excretado, considerado um obstáculo à descoberta da verdade e da salvação. O corpo padece e está fadado a padecer, pois está submetido às flutuações do desejo, aos perigos da corrupção. Homem e natureza, alma e corpo, se afirmam como opostos, e esta concepção atravessará os séculos.

Dessa forma, as concepções sobre o corpo que são elaboradas no período medieval não resultam unicamente de uma ruptura com os modelos da Antiguidade Clássica. Oposto é o movimento da história, que acolhe simultaneamente as rupturas e as continuidades, a partir das quais, os modelos corporais, os valores e utilizações do corpo se transformam, mas também guardam o registro de sensibilidades vindas de épocas diferentes. Por exemplo: a relação entre saúde e equilíbrio dos humores – o sangue, elemento quente, que vem do coração, o fleugma, elemento frio, secretado pelo cérebro, a bÍlis amarela, elemento seco que vem do fÍgado, e a bÍlis negra, originada no baço – , e o equilíbrio entre estes humores e as forças naturais permanece durante séculos como referência maior às práticas médicas, influenciando as concepções do ocidente, do mundo muçulmano, e as culturas medieval e renascentista.

Os medievais, segundo Rodrigues (2001), apercebiam o mundo físico em que viviam muito mais do que hoje. Havia também, na Europa, uma grande variedade de casas rurais de um único cômodo, nas quais conviviam um número variado de pessoas e animais. Às vezes, além de forno, lareira, bacia e leitos, a casa tinha celeiro, estábulo, depósito de feno, etc. Nesses espaços também estavam os inevitáveis correlativos: ratos, moscas, pulgas, percevejos, etc. É importante ressaltar que, nos tempos medievais, não havia segregação de animais e homens, e isso não se devia a condições econômicas especialmente miseráveis. Era um aspecto crucial e perfeitamente coerente de uma visão de mundo que deve ser considerada de modo positivo.

Conforme Rodrigues, a cosmovisão da Idade Média era teocêntrica. O medieval só conhecia o milagre como forma de modificar as coisas naturais. Deus, para eles, estava ao alcance direto dos homens, embora acessível mais freqüentemente aos santos e por intermédio deles.

Na França e na Inglaterra, os reis eram reconhecidos, e praticamente apenas eles, por curarem doenças através de milagres, principalmente as escrófulas (tipo de inflamação, linfonodo associado à tuberculose), apenas tateando as chagas dos acometidos. Os doentes, vindos de toda a Europa, compareciam anualmente aos milhares, em dias convencionados. Além de algumas orações, bastava o rei pronunciar a seguinte frase: “o rei toca, Deus te cura”. Assim eram a compreensão das coisas naquela época.

Astrologia, feitiçaria, curas mágicas, adivinhações, profecias, fantasmas e duendes eram possíveis pela lógica de um universo magicamente encantado. Amuletos, talismãs e poções faziam parte do cotidiano, por exemplo, maços de ervas presos aos braços, às pernas ou à cabeça para dar sorte. Os carrascos eram incessantemente procurados como fornecedores de poções miraculosas, derivadas da gordura de executados. Mães colocavam suas crianças doentes em túneis escavados na terra, cobertos por espinhos, ou dentro de troncos de árvores, até que elas – índice de cura – cessassem de chorar. A fita atada na roupa de um homem poderia torná-lo impotente; mas o pão elaborado com o trigo que teve contato com as partes genitais de uma mulher poderia ter o efeito oposto. Do mesmo modo, peixes introduzidos na vagina – e aí mantidos até que morressem – eram posteriormente temperados, cozidos e oferecidos ao amante, junto com toda sua força afrodisíaca.

Com o passar do tempo, diz Rodrigues, essas crenças e práticas passaram a ser consideradas parasitas dos ensinamentos cristãos oficiais. A Igreja se colocou numa posição de rivalidade e indisposição com relação a estes modos de crer, de agir e de sentir.

De qualquer forma, na Idade Média, havia uma extraordinária e intensa familiaridade entre as coisas sagradas e os homens. Homens e divindades conviviam, como tudo e como todos, comunitariamente.

A corporalidade medieval era valorizada em si, porque continha o que hoje chamamos de espiritual. Havia para eles uma espécie de liga entre corpo e alma, tanto que os reis da França quando morriam tinham seus corpos esquartejados, e os fragmentos resultantes eram espalhados – coração aqui, cérebro ali – pelas igrejas importantes do território. Além

disso, existia a crença de que este procedimento fosse propiciador de boas colheitas e, politicamente, de que a unidade do reino se expressava pela fragmentação do rei.

O simbolismo corporal tinha lugar crucial nos padrões medievais de pensamento e sentimento. O corpo medieval não era um mero revelador da alma, era o lugar simbólico em que se constituía a própria condição humana. Ainda após a morte, ou a caminho do além, era através do corpo (corpo que se desprendia de um corpo, corpo de criança) que a alma se apresentava para cumprir seu destino.

A dor, para os medievais, era vista como um conjunto de virtudes, tinha, portanto, uma conotação positiva. Para eles, o sofrer era digerível pela vida. A inseparabilidade entre o corpo e a alma se traduzia de modo vivo na sensibilidade medieval relativa à dor. Ainda hoje, em muitas línguas européias, a dor corporal está ligada a sentimentos ou estados não necessariamente relacionados à pura corporalidade. Tais associações ainda guardam a memória de um tempo em que o sentido da dor era cósmico e mítico, expiação dos pecados, não individual e técnico.

A tortura, de acordo com a mentalidade medieval, era explicada como uma ação sobre o espírito por meio daquilo que chamaríamos de corpo: todos os sofrimentos impingidos ao corpo eram sofrimentos estabelecidos sobre a alma e vice-versa. Naquele contexto simbólico, a tortura era uma garantia de salvação, ela anteciparia, nesta vida, o pagamento de uma dívida potencialmente reservado para outra.

Nos tempos medievais, a abertura do corpo humano por uma ação de todo inconcebível era um gesto de extremo sacrilégio. Ainda que fosse praticada com a finalidade de estudo, a dissecação era um tabu cuja violação era quase impensável. Abrir o corpo, para eles, era também mexer no espírito.

O corpo medieval não era absolutamente o que o capitalismo inventaria séculos mais tarde. Não era esse corpo definido pelos músculos, pela força, pela resistência, pela disciplina e pela rentabilidade. Era comparativamente preguiçoso, sem grandes preocupações com o tempo ou com o trabalho, mais voltado para as festas e para a espera do que para os empreendimentos e investimentos. O corpo medieval também não era o corpo-propriedade-privada. Não tinha se transformado neste primeiro e mais fundamental bem de produção. Não constituía também o corpo-consumidor da sociedade industrial avançada, este que abriga o fundamental de nossa sensibilidade contemporânea.

O contexto corporal para os medievais caracterizava-se por abraços freqüentes, por contatos próximos, por gestos destemidos. Era o tempo de um corpo expansivo, indisciplinado, transbordante. Nos corpos medievais, os orifícios não estavam absolutamente condenados ao silêncio. Era o corpo da boca que cospe, que vomita, que arrota, que exala hálito. Era corpo do ânus que expele gases, do nariz que escorre.

Não era um corpo circunscrito em si. Não era um corpo fechado, pronto, acabado. Não era um corpo visível apenas do exterior, que se mostrasse somente de uma superfície, uma fachada lisa e quase sem fendas. Ao contrário do nosso corpo, em que quase todos os orifícios estão escrupulosamente vedados, do corpo medieval não eram eliminadas as manifestações de vida íntima.

O corpo medieval estava sempre absorvendo o mundo, ou sendo absorvido por ele. Pertencia a uma época em que não havia uma moralidade específica de controle do corpo, e também não se aplicavam sobre ele os tabus lingüísticos que conhecemos. As partes do corpo eram denominadas sem preocupações, sem refinamentos.

Do corpo se falava também por meio de representações, de gestos e de canções lascivas (canções sensuais), em que era sempre concebido como uma espécie de alegre obscenidade. Do ponto de vista da nossa sensibilidade, o corpo medieval seria, antes de tudo, um corpo indecente.

Na sensibilidade corporal de então, o belo e o atraente estavam mais na parte inferior do que na parte superior. Valorizavam-se sobretudo as nádegas, a barriga, os órgãos genitais e as coxas. Não que o estético estivesse ausente nas partes superiores do corpo, como a face, o rosto. No entanto, a beleza priorizada não estava aí. A ênfase que hoje emprestamos à face, intensificou-se apenas depois da emergência do moderno individualismo.

Atualmente, segundo Soares (2001), a engenharia genética, as cirurgias a laser, os transplantes, os silicones, os alimentos transgênicos e os esteróides anabolizantes compõem um instrumental contemporâneo diversificado que vai redimensionando o corpo numa velocidade espantosa, ao mesmo tempo em que o torna radicalmente contingente. As previsões geradas nessas instâncias de produção buscam sua materialidade no corpo, realizam-se nele e o constituem como artefato cultural.

Medeiros(2004) no seu artigo *Imagens, percepções e significados do corpo nas classes populares*, relata um trabalho de pesquisa feito pela equipe do Dr. Ivo Pitanguy, em 2004, na Santa Casa de Misericórdia no Rio de Janeiro, sobre a representação da imagem e os

significados que as classes populares fazem do corpo e da beleza, mostra que no Brasil há um verdadeiro culto a beleza, independente das classes sociais. Trata-se do que vulgarmente é chamado de cultura do corpo.

O trabalho também apresenta um cenário de divulgação midiática do Brasil com relação à exportação de modelos para as passarelas mundiais, cirurgias plásticas, biquínis ousados, músicas e danças sensuais e afirma que estamos dentro de uma cultura narcisista, envaidecida de si mesmo, e que leva a vaidade e o culto do corpo ao extremo.

Da mesma forma, revela que o cuidado com a imagem, com o corpo, é uma preocupação que passa por todas as classes sociais. Para ficar bonito, um valor universal no país, se impõe enormes sacrifícios e esforços.

A pesquisa cita o livro *Que corpo é esse?*, de Vilhaça, Góes e Kosovski (1999, p.9), segundo o qual, a prática da transformação do corpo não é um comportamento social recente, é um hábito comum em várias culturas, nos mais diversos locais do planeta. Na maior parte das vezes, esta prática está relacionada ao padrão estético vigente em determinado grupo social. Por exemplo: a redução dos pés das mulheres chinesas até o princípio do século XX, o aumento dos lábios e a perfuração do nariz e das orelhas entre as tribos indígenas brasileiras e assim por diante.

Com isso, os autores enfatizam que há, na sociedade contemporânea, uma exacerbação desta construção corporal em que o dado natural sofre desafios. Apontam para o crescente fenômeno contemporâneo do cuidado com o corpo: multiplicação de academias, de revistas, spas, centros estéticos, clínicas de embelezamento, técnicas de ginástica em que a tônica é emagrecer, fechar a boca, jogo pesado contra a celulite e a flacidez, etc.

A equipe que desenvolveu esta pesquisa acredita que a intensa busca pela beleza do corpo no Brasil, através das cirurgias estéticas, pode também ser explicada pela necessidade de o indivíduo buscar estratégias para conseguir interações positivas numa sociedade de grandes desigualdades sociais.

A pesquisa mostrou também que na relação com o corpo o sujeito tem a sensação de posse. Mas é frequente encontrarmos representações simbólicas que demonstram a perda do controle do corpo pelo envelhecimento e pela doença. Assim, a intervenção resgata o domínio do corpo como se desafiasse o tempo e a lei da gravidade. Para isso, os pacientes constroem uma representação do médico, um condutor sagrado capaz de resgatar a imagem perdida

através de uma poderosa máquina do tempo. Sagrados aqui são a beleza e o médico, que é capaz de construir ou reconstruí-la.

Para a cultura brasileira, a beleza é um capital simbólico de grande poder social, e o corpo é a marca desse poder. Contudo, a exclusão ou a inclusão social não estão somente relacionadas à cultura da beleza, como podemos perceber na pesquisa de Chammé (2002) sobre corpo e saúde, inclusão e exclusão social. De acordo com Chammé, o processo de saúde ou de doença, em distintos momentos civilizatórios, são também fatores de inclusão ou exclusão social.

Nesse sentido, o século XX, com seus avanços e recuos, é potencialmente considerado fator decisivo na estrutura e organização biopsicossocial do corpo que se apresenta fragmentado. Incluído eficazmente ou não nos mecanismos das políticas públicas destinadas à promoção da saúde, o corpo traduz, a partir dos sintomas do estado de saúde ou do estado de doença, um maior ou menor grau de inclusão ou de exclusão social, representado pela inserção e ressonância participativa do usuário dos serviços de saúde.

Orientações internacionais nos níveis individuais e coletivos passam, então, a estruturar políticas e planejamentos em saúde no sentido de prevenir doenças e alcançar o tão desejado estado de saúde.

O autor afirma ainda que, o corpo, enquanto depositário de saúde ou de doença, tem sido indagado desde a vigorosa evolução do século XX, avançando além dos riscos biológicos a que está exposto, configurando-se como extensão do sucesso ou insucesso da força do coletivo e do poder individual direcionado na elaboração de seu suspeitado controle.

A rotinização e automatização de condutas que obedecem a um planejamento massificado do saber elaborado fora do contexto natural de origem dos sujeitos-alvo, cujo poder que lhes seria próprio fica reduzido a nenhum grau de importância. É assim que os indivíduos reagem, por exemplo, com relação às doenças sexualmente transmissíveis.

Aqui não se trata apenas da maneira como o corpo é percebido ou interpretado ao longo dos anos, mas, fundamentalmente, como ele vem sendo distintamente vivido; investido pelas mais diversas tecnologias e meios de controle; incorporado dentro de diferentes ritmos de produção e consumo, de prazer e de dor. É importante entender o corpo como resultado provisório de diversas pedagogias que o conformam em determinadas épocas e lugares; que ele é marcado e distinguido muito mais pela cultura do que por uma presumível essência cultural; que adquire diferentes sentidos no momento em que é investido por um poder

regulador, impondo limitações, autorizações e obrigações, para além da sua condição fisiológica.

De acordo com Soares, apesar de estarmos no século XXI, com tantos avanços tecnológicos e fascinantes descobertas, também vivemos num tempo em que a miséria, o sofrimento, a exploração e a soberania das leis de mercado vêm sendo consideravelmente ampliadas em diferentes partes do mundo. Em meio a tudo isso, ela questiona: que corpo podemos nós ter hoje? Que corpo natural, humano, para uma alma que se tornou completamente artificial, antinatural, destruidora da natureza?

Segundo a autora, torna-se importante e natural explorar e conhecer o corpo porque se supõe que ele contém as últimas fronteiras supostamente naturais a serem desvendadas e controladas pela cultura. O corpo é escolhido como lugar de explorações e experiências das mais diversas áreas porque é considerado a última posse que resta ao indivíduo, ou o único território no qual o ser humano pode exercer a sua liberdade de transformação.

3.2 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Foram constatadas nesta pesquisa as seguintes percepções sobre corpo, relatadas pelos alunos do curso Técnico de enfermagem da Escola São Miguel:

Corpo como máquina – muitos alunos, de todos os, níveis do curso, desde os que estão iniciando até aqueles que estão no final, colocaram esta percepção.

Para Galeno, médico nascido em 129dC, o corpo é uma espécie de máquina criada pela providência Divina e vive numa natureza que possui, assim como os humanos, uma espécie de alma.

Segundo Coelho *et al* (2007), o corpo máquina, objeto de posse de um indivíduo, pode aliená-lo de si mesmo, de sua alma, administrá-lo como propriedade privada e vendê-lo no mercado de trabalho.

Bernuzzi (2001) diz que a representação do corpo como máquina, traduzida em seu funcionamento pelas leis da mecânica, é uma idéia clássica de Descartes. Tal concepção de corpo, que independe de qualquer noção de essência e é associada estritamente a sua

materialidade, predomina durante longo tempo e deixa fortes marcas até hoje. O corpo humano, uma máquina, mas “natural”, o que o diferenciaria de outras máquinas.

Ferreira (2010) diz que para o senso comum a matéria que constitui o corpo e o pensamento que dá suporte ainda é concebida na perspectiva dualista e mecanicista do pensamento moderno. O corpo geralmente é visto como uma máquina que pode ser reciclada, aperfeiçoada ou modernizada. O conhecimento científico que é divulgado e popularizado reforça esse modelo e se impõe como o discurso verdadeiro, sem revelar suas ambigüidades, seus conflitos e seus limites. As metáforas mecanicistas da racionalidade moderna reaparecem hoje travestidas de tecnologia informacional e o corpo máquina de La Mettrie volta à cena, sendo que agora ele é um híbrido de tecnologia computadorizada, carne e *chips*, matéria e megabytes de memória. O mito do corpo como máquina que obedece ao nosso comando ainda teima em persistir.

Conforme Sari *et al*, a divisão do trabalho na enfermagem contribui para que as atividades dessa profissão sejam dispostas de maneira fragmentada, despersonalizando a pessoa que cuida e, invariavelmente, da pessoa que é cuidada. Esse corpo, para o mundo ocidental, é como uma máquina que deve ser revisada e ter peças trocadas, com o objetivo de manter o funcionamento adequado. O hospital é como uma oficina de corpos que afina, ajusta, remove ou substitui as peças dessa engrenagem. É o que podemos perceber nas seguintes falas dos alunos:

Aluno 1: “Tenho muito pouca noção do corpo humano, uma máquina extremamente complexa, cheia de mecanismos, funções, grupos, reações, enfim, um pequeno universo móvel digno de inúmeras pesquisas. É uma máquina tão complexa o corpo humano, que é preciso dividi-lo em áreas distintas, com suas especializações, para se trabalhar melhor nele.”

Aluno 2: “O corpo é a máquina mais desenvolvida que conhecemos. Com suas células, tecidos, órgãos, todos bem organizados. Nada no corpo é inutilizado, tudo é bem aproveitado, cada molécula. Para mim o corpo é o aparelho mais perfeito.”

Aluno 3: -“Quando penso em corpo, logo me vem à mente uma máquina perfeita porque tudo funciona em conjunto. Não tem como um coração bater sem os impulsos elétricos do cérebro.”

Aluno 4: “O corpo humano é perfeito, espetacular. Nosso corpo é tão inteligente, nossos organismos trabalham através de suas funções, seus comandos, e só pára quando está estragado. Nosso corpo é uma máquina que só pára de funcionar quando falta algo ou quando

está muito velho e dá a falência. O nosso corpo age conforme o tempo: nascemos, crescemos e ficamos velhos, e isso é muito importante. E o ser humano tem muitas dúvidas sobre o nosso corpo: como ele pode ser tão perfeito?”

Aluno 5: “O corpo é uma máquina e, assim como toda máquina, precisa de reparos e manutenção, e como ferramentas tem o ar e o alimento. Assim como todas as máquinas, tem que funcionar em perfeita harmonia e quando não funciona é porque tem algo errado, e quando isso acontece é preciso fazer um reparo, que é feito por profissionais autorizados e de confiança, médicos, e quando funciona é como se fosse novo. Como toda máquina, o “corpo” (?) tem um botão que liga e desliga, o que chamamos de ar, que p/o corpo é bem complexo, do que das máquina. O combustível é o sangue que nos leva nutrientes e proteínas p/o andamentos de todos componentes. E é claro como toda máquina existe um motor que p/o corpo é o cérebro e o coração, se um dos dois para o resto morre. Posso estar errada, mas eu adepta de que o corpo é uma máquina, engenhosa e complexa que permite a todos a sobrevivência. Não adianta querer sobreviver sem todos os componentes dessa maravilhosa máquina o CORPO.”

Aluno 6: “ O corpo para mim é a máquina mais bem criada. Todas as engrenagens funcionam simultaneamente. Uma engenharia perfeita, com cada célula, tecidos, sistemas, órgãos em seu devido lugar e trabalhando em harmonia. Quando uma peça mínima que seja desta máquina falha, tudo começa a dar sinais deste problema. E, ao pensar no corpo, e ao estudá-lo, a cada momento me surpreendo mais por sua complexidade é magnífica.”

Aluno 7: “Corpo para mim, comparando a uma máquina, por exemplo, é a perfeição, a completa sintonia, assimetria, é planejado, desenhado e construído com a máxima preciosidade de detalhes e caprichos. Tem uma complexidade tão grande que qualquer alteração modifica todo o resultado final.”

Depois do corpo como máquina, muitos alunos destacaram a percepção biologicista do corpo.

Conforme Suassuna *et al* (2005), o corpo, caracterizado na modernidade por meio de aspectos biológicos, é parte do conteúdo estudado por uma ciência secularizada, que assume os pressupostos do dualismo cartesiano, tradicionalmente assumem o corpo como objeto de estudo. Para a visão predominante no campo disciplinar que envolve a área da saúde, o corpo é definido como uma célula autônoma ou por várias células funcionando de modo integrado, sugerindo-se com isso a harmonia entre os órgãos no desempenho de suas funções. Por si só,

essa definição é adotada de funcionalismo. Sendo assim, ao definir o corpo como de modo biológico, chega-se a um lugar comum, pois tanto pode se expressar pela definição o corpo de um animal qualquer ou de um ser humano.

Aluno 8: “Vejo que percebemos sobre o corpo só quando adoecemos, a partir daí é que começo a ver e sentir as necessidades e a importância que o nosso corpo nos representa. quando sinto alguma dor em qualquer parte, vejo a importância daquele membro ou órgão para mim. Só vejo a necessidade do corpo e me importo com ele devido dia a dia quando vou para o trabalho pois não cuido dele como deveria. Tenho hábitos alimentares horríveis, sedentarismo, má postura... Mas me questiono porque devo me limitar, se eu amo tudo que faço e não me arrependo de nada. Um único medo que tenho é ficar dependente de outro, pois ele me guia, sem ele não sou nada!”

Aluno 9: “Eu vou fazer uma viagem no tempo falando sobre o frágil corpo de um bebê que na ância de carinho e conforto se deleita no seio de sua mãe recebendo o alimento tão indispensável para que ele se desabroche e se transforme em um lindo menino cheio de saúde e ávido por brincadeiras. Há! Que lindo é o milagre da vida que se transforma este corpo que nasce tão frágil e desprotegido em um lutador que luta por espaço, por um lugar no mundo este que esperamos seja cada vez melhor. Mãe, a realizadora deste milagre, é com este corpo tão especial, capaz de conceber e nutrir esta semente. A mulher é sim um ser especial, uma acolhedora que aconchega o filho, o pai, a família.”

Aluno 10: “O corpo para as pessoas menos esclarecidas é só um “corpo”, o corpo para mim é comandado pelo cérebro. O cérebro para alguns, só serve para guardar pensamentos, lembranças, sonhos, memórias, etc. Elas não sabem que ele é quem manda em tudo. Sem ele não somos nada, se ele para, nós paramos, mesmo que o coração esteja funcionando a todo vapor. Ele é quem comanda nossas ações, nossos pensamentos, nossos sentidos, membros superiores e inferiores, músculos, ele é tudo. Se ele para, nós paramos. Temos que cuidar bem dele, não usando drogas, álcool, essas substâncias acabam afetando-o. Prevenir acidentes que prejudiquem o funcionamento dele.”

Aluno 11: “Na primeira instância que vejo aquele corpo em cima de uma cama hospitalar, ou até mesmo em casa, a pessoa doente não me parece ser um corpo normal que nem eu sinto o meu. Parece que está ali precisando de cuidados, higiene, curativos, porque é difícil tu ver ou se colocar no lugar da pessoa que está ali, que tu ta cuidando no momento aquele corpo, está ali para cuidar. Eu penso ou nunca refleti que um dia o meu corpo pode estar que nem aquele,

às vezes mutilado como já cuidei de uma pessoa com diabetes e teve amputação do membro inferior direito. Mas ao mesmo tempo, aquele corpo precisa naquele momento de muito cuidado, pois já não é mais um corpo normal, é um corpo doente diferente de um normal.

Corpo, seja ele animal ou humano, tem vida, precisa ser cuidado, respeitado, mesmo no estado mais fragilizado (deformado, seja por mutilação de acidente, amputações, cirurgias, doenças no caso cancerosas que muitas vezes deixam o corpo deformado, perdão da palavra, mais uma vez podre. Gera sim, talvez um sentimento hora de repulsa, mas é um corpo que tem vida, e enquanto houver vida naquele copo, seja ele feio, normal, bonito, velho, tem que ser cuidado com respeito, e saber que naquele corpo habita uma pessoa, um ser que tem vida, tem alma que nem a gente.”

Aluno 12: “O corpo necessita de muitos cuidados, higiene e conhecimento, que muitas vezes desconhecemos. Necessitamos conhece-lo para poder saber o que precisamos fazer para termos ele, o corpo, em bom estado geral, como saúde, percepção, cuidados corporal como higiene, postura, limites e também sabermos quando o mesmo nos dá alerta de que algo anormal no organismo, como dores e outros sinais perceptíveis por nós mesmos.”

Aluno13: “O corpo é uma palavra curta e simples mas com um intenso conteúdo. O corpo ocupa um lugar no espaço e se diferencia em vários aspectos, tanto físicos como psicologicamente.

Sua parte física se constitui por sua anatomia no que desde cedo já aprendemos que o corpo divide-se em cabeça, tronco e membros e ao conhecer a sua fisiologia descobrimos que o corpo é constituído por funções específicas. E em geral o corpo faz parte de um ser vivo e abrange biologicamente uma complexidade que aos poucos vamos conhecendo. Além disso o corpo é a matéria viva desse ser que se chama pessoa e que tem necessidades para que esse corpo tenha continuidade.

O corpo passa por muitos processos desde a divisão celular quando nos formamos, até a sua decomposição, quando morremos.”

Aluno 14: “O corpo é um assunto muito complexo de falar, mas ao mesmo tempo muito interessante. Quando começamos a estudar partes do nosso corpo, é cada vez mais aprendizagem para o nosso ensinamento, pensamos o corpo feito por partes principais que são: cabeça, tronco e as pernas, mas estudando cada parte mais profundamente, ficamos mais atentos para aprender cada vez mais.

Acho que o corpo pela parte de fora é muito bonito de se ver, mas por dentro é muito estranho, digo estranho porque nunca estudei tão profundamente, a gente sabe e conhece o que se vê, mas por dentro não enxergamos, mas sabemos que tem órgãos essenciais para nossa vida.

Um fato que aconteceu comigo foi, que tive o prazer de assistir a um parto, que era o da minha irmã, nunca tinha visto, e é aí que penso que como o corpo e os órgãos que temos não trabalham sozinhos, quando assisti o parto pude ver, que com uma parte pequena pode sair uma criança de uma quantidade de quilos e sem ganhar ou levar nenhum ponto, que como a parte da vagina pode ter tanta elasticidade para sair uma criança. Sempre tive vontade de aprender sobre o nosso corpo, agora estou tendo essa oportunidade com o meu curso.”

Para vários alunos, a percepção do corpo se refere à questão estética, beleza, culto ao corpo, corpo perfeito. Em outras palavras, eles fizeram uma crítica ao corpo como objeto de consumo.

Conforme Medeiros (2004), o Brasil é conhecido internacionalmente pelos seus esteriótipos de culto a beleza, uma cultura do corpo. O que contribui muito para isso, diz a autora, é a divulgação midiática das cirurgias plásticas, a exportação de modelos para as passarelas mundiais, as inúmeras academias de ginástica, a exportação de biquínis ousados e as músicas e danças sensuais, apresentando a idéia de uma cultura que denota sensualidade.

Segundo a mesma autora, a preocupação com a imagem, o cuidado com o corpo, é uma preocupação que passa por todas as classes sociais. Para ficar bonito, impõe-se enormes sacrifícios e esforços.

Para Coelho *et al*, o corpo tornou-se hoje o santuário privilegiado da subjetividade humana, a via régia para obtenção de sucesso, felicidade, realização profissional e afetiva, sob a condição de obediência à nova disciplina imposta pelos conglomerados industriais da saúde e do *fitness*. Em face disso, diz o autor, torna-se imperativo escancarar cada um de seus poros para que absorvam as efêmeras novidades da indústria de alimentos, cosméticos e da moda, é preciso pressa, pois o verão está chegando... Assim como as receitas e manipulações corporais cada vez mais sofisticadas da medicina estética e do *fitness*, com o risco sempre presente desse corpo tornar-se material obsoleto, sempre retardatário às mais novas festas de felicidade e euforia, ofertadas pelo mercado. Daí a mais recente figura do corpo ser denominado de “corpo rascunho”, amontoado instável e assimétrico de pele, músculos, ossos e cabelos, eternamente em busca de desenho perfeito; sempre em estado de rascunho, pois o encaixo ao

corpo perfeito, ideal, precisa ao menos esperar a cicatrização dos pontos da cirurgia e o relaxamento das câibras musculares para seguir sua maratona infinita.

Aluno 15: “ O corpo humano tem vários sentidos, como a anatomia, esqueleto, etc. Muitas pessoas acham que não têm um corpo perfeito (bom), e estão sempre reclamando. Mas muitos corpos não têm estrutura perfeita (boa) e são felizes, pois não reclamam de seu corpo, mas se valorizam.

Hoje mesmo eu não gostei do meu corpo e fiquei reclamando por ter pernas finas, mas bastou eu olhar um deficiente físico caminhando pela rua sem reclamar, porque ele sabe não ter uma parte do corpo já é ruim, então ele valoriza o que ele tem.”

Aluno 16: “O corpo para mim é a nossa base pois é ele que nos sustenta, que estão nossos órgãos, ossos e mais.

Hoje em dia o corpo também é alvo de moda, pois a cada ano que passa a 'moda' do corpo muda, mais magra, mais cheinha etc.

Também a vaidade das pessoas fazem com que vejamos vários tipos de corpo malhado, corpo bronzeado. Muitas vezes também são alvos de preconceitos com corpos gordinhos ou muito magros.

Acho que tudo que acontece com nosso organismo transfere para nosso corpo é aí que na maioria das vezes identificamos doenças ou sintomas.

Bom também acho que o corpo é nosso 'cartão de visita' pois nossa personalidade, nossos ideais, é tudo no corpo que expomos, com roupas, tatuagens, e outros.

Enfim, sem o corpo não teria como existir os seres humanos, animais, é a nossa estrutura.”

Aluno 17: “Várias mulheres não são felizes com seus corpos, mas tentam fazer de tudo para ficar bonitas. Tem mulheres que ficam até loucas por quererem ter corpos perfeitos, ficam sem comer, se matam em academias, isso pode não ser muito bom, tem mulheres que chegam a morrer por causa disso. Precisamos nos cuidar sim, mas sem esta loucura toda, ter o corpo bonito é bom, mas não precisamos nos matar tanto assim, basta ter paciência e controlar bem a alimentação, isso já é o bastante.”

Aluno 18: “A face de uma pessoa é muito importante, pois essa é o cartão de visita, é nela que é expressa todas as emoções, olhares, caras e bocas, como dizem maquiagens e tudo mais. A face é uma parte do corpo muito exposta, pois é a primeira parte que as pessoas olham ao se comunicar umas com as outras, elas deixam levar muitos pelas aparências, por rostos

perfeitos, com muita maquiagem e blush e deixam de valorizar sua verdadeira beleza, a beleza que poucos conseguem enxergar, pois seus rostos estão cobertos por máscaras. A face tem tantas coisas bonitas, olhares, uns mais azuis, outros mais castanhos, outros mais pretos, nariz, maiores, uns menores, outros mais achatados, outros mais finos, lábios, uns mais grossos, outros nem tanto, orelhas, de vários tamanhos, lindos cabelos, de todos os tipos de todas as cores. É esse conjunto todo que torna todas as faces exuberantes.”

Aluno 19: “Quando se está triste o corpo responde da sua maneira, deixando, por exemplo, fica cheia de espinhas e gordurinhas de tanto chocolate comido na hora da fossa.

Falando em gordurinhas, sempre há pessoas que as perseguem, procuram todos os tipos de tratamentos para deixar o corpo da maneira ideal. Mas qual é a maneira ideal? É a maneira como nos sentimos bem afinal as gordurinhas não deixam de ser depósitos de energia. Quanto mais energia melhor!”

Aluno 20: “Quantas pessoas deixam de comer para ficarem com o corpo em forma, porém esquecem que corpo em forma nem sempre é sinal de saúde, que muitas vezes é melhor sermos “fofinhas”mas saudáveis do que magrinhas porém doentes.

Para mim, também há um fator desencadeante nesta” loucura pelo corpo perfeito”, nossa sociedade atualmente, louva modelos cada vez mais magras, fazendo com que jovens que sonham ser modelos, morram de anorexia procurando ficar com o corpo perfeito para ser modelo.”

Aluno 21: “É muito complicado viver no mundo de hoje, onde existe esse culto ao corpo perfeito, aonde não se mede esforços para ficar bonita, não se importa com a saúde: dietas milagrosas, malhação desenfreada, anorexia, bulimia, drogas.

Acho que todos seriam mais felizes se pudessemos nos ver por dentro, sem levar em consideração nossa aparência. Enxergar que se cuidarmos bem da nossa saúde, a beleza se torna um resultado natural.”

Aluno 22: “Para mim, falar do corpo, sempre me vem à mente, comida, porque tudo que nós comemos reflete em nosso corpo. Às vezes, vejo pessoas muito magras, aí fico pensando, o que será que ela come? Como ela se alimenta? Só pelo que eu já li, que se tu comes muita gordura, frituras, carboidratos, refrigerantes, com certeza, você vai adquirir celulite, estrias e excesso de peso. Tenho uma amiga que tem um corpo estrutural, lindo, aí fui saber como ela se alimenta e descobri que ela sempre come verduras, frutas, pão light, leite desnatado, toma muita água. Se também que tem haver um pouco com a genética. Uma família de gordinhos

tem 90% de chance de você ser obesa também, mais ainda acredito que depende mesmo da nossa alimentação. Se nós comermos bem, com certeza vamos ter uma qualidade de vida melhor e seremos mais felizes, de bem com a vida. E vamos mostrar isso através do nosso corpo.”

Outra categoria que surgiu nas falas dos alunos foi a de corpo como criação de Deus, como uma dádiva, um presente, uma máquina perfeita criada por Deus: é Deus quem dá e quem tira a vida. Corpo como mistério de Deus, templo onde habita Deus, corpo como Sua imagem e semelhança.

Nas religiões cristãs nós viemos de Deus e vamos voltar a Ele. Na Bíblia, no Livro do Gênesis, Deus criou tudo o que existe no Universo e depois criou o Homem a sua Imagem e semelhança.

Sant’Anna (2001) diz que para Galeno, médico nascido em 129aC, o corpo é uma espécie de máquina criada pela providência Divina.

Na filosofia Espiritualista de Santo Tomás, Deus é o criador do mundo e este mundo é governado pela sua Divina Providência. Ele diz que a alma do Homem vem de Deus e que esta é independente do corpo, capaz de subsistir depois da morte. A alma tem Deus no seu ser.

Vejamos como as percepções dos alunos aparecem nas falas abaixo, na imagem de corpo como criação de Deus:

Aluno 23: “O corpo é uma coisa que nós temos que ter orgulho de dizer “ valorizado Deus por tudo o que eu tenho: pernas, joelhos, braços, etc. Vamos valorizar o que nós temos e doar.”

Aluno 24: “Deus nos fez com uma perfeição inacreditável.”

Aluno 25: “Para mim é uma bênção de Deus.”

Aluno 26: “Deus nos fez sua imagem e semelhança.”

Aluno 27: “Eu vejo o corpo como um mistério criado por Deus.”

Aluno 28: “Corpo, algo divino criado por Deus, perfeito.”

Aluno 29: “Presente de Deus e não achamos o tempo para cuidá-lo como deveríamos e isso é espiritualmente também.”

Aluno 30: “Corpo, dom divino, algo que jamais podemos destruir, algo que deveríamos cuidar como a própria vida.”

Aluno 31: “Corpos estes que são uma dádiva de Deus.”

Aluno 32: “O corpo é como um templo de Deus. Deve ser adorado, admirado e principalmente muito respeitado.”

4 CONCLUSÃO

Evidenciou-se que os alunos têm uma percepção bastante diversificada de corpo, na sua maioria numa visão de corpo como máquina, seguido de uma percepção biológica, estética e Divina do corpo. Também tem alunos com uma percepção integrada de corpo.

Uma questão importante que aparece nas colocações é do corpo como criação de Deus. Evidencia-se um sentido espiritual, sagrado, corpo como lugar que precisa ser respeitado, cuidado, que pertence a um Ser maior.

Outra percepção que se destacou consideravelmente foi a esteticista. Hoje vivemos em uma sociedade de culto a beleza, promessas de um corpo perfeito, de um corpo que, para ser bonito, valorizado e desejado, tem que ser magro, “sarado”, uma verdadeira obsessão por dietas milagrosas, cirurgias para deixar a aparência mais jovem, enfim, vivemos num mundo onde o corpo é um verdadeiro objeto de consumo. Acredito que isto influencia esta percepção estética de corpo, porque, como diz Rodrigues (2001), “a sensibilidade que temos que nos parece tão familiar, não o é, tudo tem uma história, um porquê”.

Quando os alunos entregaram os textos, vários disseram que não haviam parado para pensar sobre o que significava ou qual a percepção que eles tinham sobre o corpo e que foi um momento para refletir e pensar sobre isso, afinal eles estão estudando para serem profissionais que vão cuidar de outros corpos.

Acredito que esta pesquisa foi o começo de um processo de transformação e re-significação na formação dos alunos da Escola São Miguel. Percebe-se que é preciso uma formação na qual o aluno tenha uma visão mais holística do corpo, que disciplinas ministradas procurem integrar o conteúdo ao corpo como um todo.

Vanuzza (2009) afirma que, para promover desmecanização e desfragmentação do corpo no processo de cuidado, é necessário que os trabalhadores de saúde ressignifiquem não

apenas os discursos e os conhecimentos, mas, particularmente, a forma como assistem, sendo necessário valorizar o sentido da escuta, da compreensão e de restaurar o humano dos relacionamentos.

4.1 EPÍLOGO

Foi muito importante realizar este estudo, pois também parei para ler e refletir sobre o corpo. Durante todo o projeto da pesquisa e as leituras que fiz, também me dei conta de que muitas atitudes, comportamentos, maneiras de vestir e de ser têm uma história por trás, um sentido.

Acredito que esta pesquisa foi o início de outros estudos que possam acrescentar mais significados, descobertas sobre este maravilhoso e misterioso corpo que temos e somos.

Realizei com muito prazer este estudo, que me levou a ter vontade de pesquisar, conhecer e dialogar com outras áreas do saber, outras culturas e outros públicos a respeito do corpo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Cristiane Batista. A Sociologia do Corpo, Caderno de Saúde Pública, vol..23 no 2, Rio de Janeiro, 2007, disponível em: www.scielo.br

BRUNET, Dr. Gabriel Sola, Pbro. Iniciación a la filosofía de Santo Tomás. Barcelona: Editorial Liturgica Espanola, 1935.

VICTORA, Ceres Gomes et al, Pesquisa Qualitativa Em Saúde, Uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.

CHAMMÉ, Sebastião Jorge. Corpo e saúde: inclusão e exclusão social. Saúde e Sociedade, São Paulo, v.11, n.2, ago./dez.2002. Disponível em: [<http://www.scielo.br/scielophp?script=sci_arttextt&pid=>](http://www.scielo.br/scielophp?script=sci_arttextt&pid=>). Acesso em: 4jan. 2010.

CLEMENTE, Fabiane. Pesquisa qualitativa, exploratória e fonomenológica: alguns conceitos básicos. Disponível em: http://www.administradores.com.br/artigos/pesquisaqualitativaexploratoriaefenomenologica_almgnsconceitosbasicos/14316/2007>. Acesso em: 26 dez. 2009.

COELHO, Rômulo Frota da Justa; SEVERINO, Maria de Fátima Vieira. Histórias dos usos, desusos e usura dos corpos no capitalismo. Revista do Departamento de Psicologia da UFF, Niterói, v.19, nº1, 2007.
Disponível em: <http://www.scielo.br.php?script>>

DE PAULA, Ariano Cavalcanti. Rede organizacional uma estratégia de crescimento: o caso Netimóveis. 2005. Dissertação (Mestrado Profissionalizante) FEAD, 2005. Disponível em: <http://www.gpo.com.br/tese/metodologia.htm>>. Acesso em: 26 dez. 2009.

FERREIRA, Francisco Romão. Algumas considerações acerca da medicina estética. Ciência & Saúde Coletiva. Rio de Janeiro, vol.15, nº1, jan 2010.

FIGUEIREDO, Nébia Maria Almeida de; CARVALHO, Vilma de. O corpo da enfermagem como corpo do cuidado. Rio de Janeiro: Revinter, 1999.

IBOPE. Conheça os tipos de pesquisas realizados pelo grupo IBOPE. Disponível em: <http://www.ibope.com.br/calandraweb/BDarquivos/sobrepesquisas/tipospesquisahtml2004>. Acessado em 22 no. 2009.

MEDEIROS, Maria Salles Falci. Imagens, percepções e significados do corpo nas classes populares. Sociedade e Estado, Brasília, v.19, n.2, jul./dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielophp?script=sci_arttextt&pid=>>. Acesso em: 4 jan.2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 11.ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

POLAK, Ymiracy Nascimento de Souza. A Corporeidade como resgate do humano na enfermagem, 1996, UFSC, disponível em:<http://bases.bireme.br/cgi-bin>.

RODRIGUES, José Carlos. O corpo na história. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. É possível realizar uma história do corpo?In: SOARES, Carem Lúcia (org). Corpo e História. Campinas: Autores Associados, 2001

SARI, Vanúcia et al. De que corpo se fala no cotidiano da enfermagem. Disponível em:<<http://www.ojsufpr.br/index.php/cogitare/article/viewFile/16188/10760>>. Acesso em: 26 dez. 2009.

SOARES, Carmem Lúcia. Corpo e História, Editora Autores Associados, 2001, Campinas, SP

SUASSUNA, Dulce et al. A relação corpo-natureza na modernidade. Sociedade e Estado, Brasília, v.20, nº1, jan/abr 2005.

Disponível em <<http://www.scielo.br.php?script>>

TEIXEIRA, Mirna Barros. Empoderamento de idosos em grupos direcionados à promoção da saúde. 2002. 105 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2002.

ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, estou ciente pelo

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro e autorizo a
publicação das minhas percepções sobre o corpo, para o trabalho de
conclusão “Percepções sobre o Corpo”, do curso de pós graduação em
Saúde Pública, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Fico
informada da liberdade de retirar meu consentimento a qualquer momento e
deixar de participar, sem que isto traga algum prejuízo pessoal.

Assinatura

Data: ____ / ____ / ____

